 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 037. Etnografias sobre a financeirização do agronegócio no Brasil: efeitos, disputas e comparações

Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar) - Coordenador/a, Luciana Schleder Almeida (UNILAB) - Coordenador/a Este grupo de trabalho tem como intuito propor um debate sobre a financeiriza?ão do agroneg?cio no Brasil por meio de etnografias que explorem a imbrica??o de elementos t?cnicos e morais que marcam a chamada ?sociedade do agroneg?cio? (Heredia, Palmeira, Leite 2010). São bem vindas reflex?es baseadas em trabalho etnogr?fico que proponham, por exemplo, compara?es entre o agroneg?cio para exporta??o e redes de troca de produtos n?o financeirizados, como ? o caso de sementes crioulas e produtos agroecol?gicos; descri?es de alian?as entre t?cnicos, ?rg?os de pesquisa e produtores em torno de saberes e tecnologias que visam o aumento da produ??o e circula??o de produtos; estrat?gias discursivas que esses agentes mobilizam para legitimar a expans?o do agroneg?cio; etnografias sobre leil?es e mercados agropecu?rios que joguem luz sobre no?es correntes de economia e mercados; an?lises sobre as distintas temporalidades implicadas no ?dentro? e ?fora? da porteira, assim como em mercados f?sicos e futuros. Pretende-se, deste modo, reunir tanto pesquisadores que t?m como foco central quest?es pr?prias da antropologia da economia, assim como aqueles que as tangenciam tendo em vista os processos de expropria??o e conflito que seus interlocutores de pesquisa v?m enfrentando no meio rural brasileiro.

Café Gourmet e os processos de internacionalização e elitização de cafeicultores de Minas Gerais

Autoria: Tailon Aparecido Gomes Garcia, Claudelir Corrêa Clemente

Desde a última crise do café nos anos 90, os cafés especiais têm sido o baluarte da cafeicultura, seu consumo tem expandido cada vez mais, principalmente nos grandes mercados consumidores de café. O Brasil apresenta-se, como o maior produtor mundial da bebida e o segundo maior consumidor, a expansão desse tipo de cafeicultura é cada vez mais notável. Produtores de café de pequenas cidades interioranas viram seus negócios locais expandirem-se nos mercados internacionais e seus cuidados com a terra e seu saber-fazer, tornarem-se atributos de distinção agrícola. Um dos exemplos de sucesso é a cafeicultura da pequena cidade de Patrocínio no interior de Minas Gerais e ponto de partida desse work. Nos últimos anos, Patrocínio tem sido destaque no país e no exterior. Inclusive, virou manchete na grande imprensa nacional com a reportagem Café produzido em MG bate recorde de mais caro do mundo em leilão; quilo foi comprado por mais de R$ 915 ? Saca do produto de fazenda em Patrocínio foi arrematada por R$ 55 mil.? . Seus cafés levam o nome da cidade e do país para os quatro cantos do planeta. Uma série de atributos fazem da região diferente da demais: clima, condições do solo, o conhecimento dos produtores. Os cafés da cidade foram considerados nos últimos anos como os melhores do país, tudo isso sobre a tutela da demarcação de origem da Região do Cerrado Mineiro. Atrelado ao sucesso do café, encontra-se seus produtores e produtoras que apesar de multifacetados, inclusive com a presença de pequenos produtores, a maioria são membros de famílias tidas como grandes empreendedoras rurais e com forte projeção social. O que se observa é que a internacionalização de seus cafés ampliou os poderes desses fazendeiros na cena internacional, reconfigurando o saber cultivar café assente nas praticas culturais agrícolas comunitárias em distintos cultivos adequados ao universo do café gourmet.Com base nestes aspectos, o presente work visa problematizar, a partir de descrição etnográfica o processo de elitização dos produtores patrocinenses no universo internacional dos cafés gourmet e as novas configurações culturais e simbólicas da vida social local observadas a partir da ?glamourização? de seu café.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**